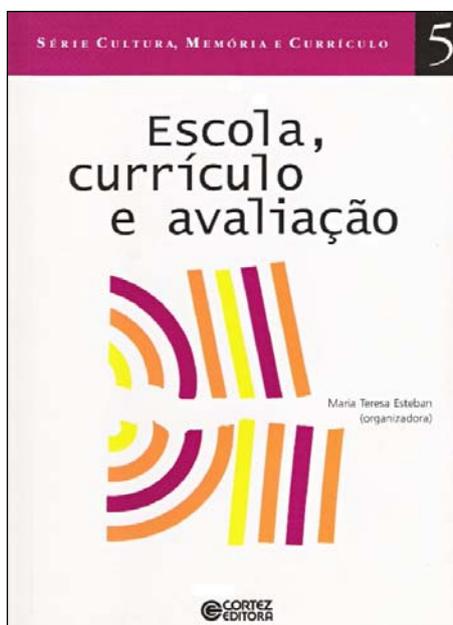


# A ESCOLA QUE TEMOS E A ESCOLA QUE QUEREMOS

Renata Aquino da Silva\*



ESTEBAN, Maria Teresa (org), *Escola, currículo e avaliação* – São Paulo: Cortez, 2004 – (Série Cultura, memória e currículo; v. 5)

Poderíamos transformar o título deste texto em uma pergunta: qual a escola que temos e qual escola que queremos? Respondê-la é ir a um movimento, em Porto Alegre, que visa(va) a reinvenção da escola coletiva e cotidianamente. Ao contrário do que se pensa, se é que alguém já o tenha pensado, a escola não precisa ser reinventada dentro de um gabinete alienado. A reinvenção da escola deve partir de um acordo entre a comunidade escolar: pais/mães, alunos(as), professores(as), e funcionários(as), somente assim a escola pode dispor de uma gestão democrática. A escola que temos ainda é em sua maioria a escola que exclui, a que algumas vezes para incluir, lança mão de um prefixo cujo significado é o contrário do que intui. Talvez

seja o desejo insaciável da educação de qualidade para todos, discurso bonito que não representa o real. Realmente representar o real não seja a realidade; redundância provocativa para dizer que a veracidade do fato é a lorota da ficção. O sonho da educação para todos sempre foi e (talvez) sempre será hegemônico, mas que seja, portanto, baseado no indivíduo e não na lógica social.

A escola que queremos poderia estar pautada na teoria de um ser, opondo a inocência e a consciência. O indivíduo cujo paladar diria que as palavras saber e sabor são cognatas – por isso o antropofagismo de Oswald de Andrade: "comer o Outro", ou seja, aprender. Antes de Oswald, em Gênesis, o conhecimento já foi comestível, simbolizado pelos frutos à disposição do homem e da mulher: o bem e o mal que poderiam ser um saber ambicioso, a emancipação.

Em termos práticos, *Escola, currículo e avaliação*, como tríade, faz reflexões das práticas escolares a fim de produzir uma escola de qualidade, focada no sujeito para sua emancipação. Retomo aqui o filósofo grego Platão (427-347), que explica em *O Banquete*, pela boca do dramaturgo Aristófanes (cerca de 447-385 a.C.) que Zeus resolveu extinguir a terceira espécie de sexo para enfraquecer o ser humano, ele resolveu partir os seres humanos em metades iguais, para enfraquecê-los; cada metade passou a buscar a outra, *infelizmente*<sup>1</sup>, quando se encontravam, agarravam-se até uma delas morrer. É preciso refletir para que nenhuma das partes desta tríade quando encontradas não suprima a outra. A escola como espaço de liberdade de expressão, de respeito às diferenças, para compreensão, para tolerância e para solidariedade não pode ir de encontro à realidade da ava-

\*Especialista em Leitura, Interpretação e Produção de Textos – UFRJ, professora de Literatura do Centro Educacional Santa Mônica.

<sup>1</sup>Minha opinião.

---

liação. Que, segundo aos autores dos artigos do livro em questão, é manipuladora da realidade para exprimir qualidade, pois todos os sujeitos não são de fato envolvidos no processo.

A reinvenção da escola é parte do compromisso com a reinvenção do mundo, do próprio sujeito. No entanto, a prática social da avaliação excludente, de atribuir as responsabilidades dos insucessos ao indivíduo e não ao coletivo se faz distante do que pressupõe a educação inclusiva. Então, que seria a representação do desempenho do sujeito torna-se a simples a identificação do sujeito como o bom ou o mau rendimento produziu o bom ou mau aluno. A professora ao avaliar é também avaliada, pois sua atuação como sujeito a torna objeto em confronto com o outro.

“Acho que ele avançou muito, mas tenho que reprovar, porque, senão, no ano que vem, quando fizer prova, não vai se sair muito bem. O que a outra professora vai dizer? Que eu não ensinei nada.”

Seria preciso repensar a avaliação de natureza classificatória e excludente, aperfeiçoar as classificatórias indispensáveis à reinvenção da escola, para a escola de qualidade. Sem fazer com que as críticas à natureza das avaliações classificatórias, sejam achatadas por propostas oficiais e decretos que geram impacto na organização de estrutura escolar. Avaliar se vincula aos processos de emancipação social, sendo indispensável que as práticas escolares sejam democratizadas dentro do cotidiano.

“É preciso classificar para ensinar; e classificar não ajuda a ensinar melhor, tampouco a aprender mais – classificar produz exclusão e para ensinar é indispensável incluir...”

Percebe-se que a definição de um termo que compõe o título do livro é intrínseca a definição do outro. Podendo ser a complementares, indissolúveis. Assim, currículo é a garantia de formação permanente, trabalho interdisciplinar, reorganização do tempo e do espaço escolar, relevância do saber popular e a função social da escola. O que existe na relação entre os conhecimentos legitimados pela escola e os trazidos pelos sujeitos que a frequentam é, a nosso ver, um conflito entre a lógica no qual se encontra imersos tanto os educadores quanto os educandos. Retomando a definição da escola, o currículo também deve incluir, assim como a avaliação.

Um debate muito importante, trazido no terceiro artigo, é concepção e prática da avaliação na escola por ciclos de formação que pressupõem uma lógica de inclusão, mas inserem-se num contexto social mais amplo que ao orientar-se pela lógica de exclusão atua no sentido oposto. As práticas sociais, de modo diverso, naturalizam e reforçam o caráter seletivo e classificatório que se consolida ao impregnar as relações interpessoais que contribuem com sua reprodução. A resignificação do exame, a troca da cognição pela reflexão, adendos que são mais significativos ao processo de aprendizagem que o próprio conteúdo mecânico. Avaliação emancipatória e o dilema da reprovação. A eliminação da reprovação insuficiente, é preciso abolir os mecanismos que inviabilizam a aprendizagem, é preciso que os alunos sejam imersos em um processo contínuo de aprendizagem – turmas de progressão; avaliação como forma de investigação.

Debater deveria ser o termo originado no interior da sociedade e da comunidade escolar. Debate. Invocação e veículo pelo qual os autores a expõem suas indagações e reflexões sobre escola, currículo e avaliação. Ainda que durante a leitura deste livro, você não debata o assunto, não deixará, porém de visar a emancipação social que a escola possibilita ao sujeito.